



Zekatraca: criador e criatura no jornalismo cultural em Porto Velho (RO)¹

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos; LOPES, Cristiane; FÉLIX, Judite²

Resumo

Este trabalho constitui-se em um estudo de caso de caráter descritivo, enfocando o jornalismo cultural exercido por Sílvio de Macedo Santos (criador) na coluna do “Zé Katraca” (criatura) publicada no jornal “Diário da Amazônia”, em Porto Velho. Faz-se uma breve abordagem conceitual e histórica sobre o jornalismo cultural e uma análise quantitativa e qualitativa da forma e conteúdo das informações veiculadas na coluna, no ano de 2007. Obteve-se um perfil do titular da coluna e as técnicas empregadas na elaboração das notícias. Confirma-se o reconhecimento da importância da coluna para o fortalecimento da cultura local, identificam-se ressalvas ao estilo jornalístico do criador da coluna e uma demanda por um jornalismo cultural opinativo.

Palavras-chave: agenda cultural; jornalismo cultural; história do jornalismo; Porto Velho.

Introdução

O jornalismo cultural é considerado como uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar de temas com maior profundidade.

É uma modalidade que abrange desde a divulgação de produtos artísticos à veiculação do entretenimento.

Em Porto Velho as atividades jornalísticas têm sua origem ligada à construção da ferrovia Madeira-Mamoré. Se considerarmos a publicação de poemas, como uma das características do jornalismo cultural, pode-se dizer que o mesmo já se verificava desde os primeiros jornais de Porto Velho, que foram impressos na língua inglesa e circulavam entre os trabalhadores da extinta companhia ferroviária.

“ No acampamento montado para construir a ferrovia, que em 1914 originou a cidade de Porto Velho, viviam muitos americanos, ingleses, italianos, barbadianos (da ex-colônia inglesa da América Central). Na impressora de documentos da empresa, eram feitos os jornais que publicavam poemas dos estrangeiros saudosos de suas origens.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte.

² Acadêmicas do 7º. Período de Comunicação Social - Jornalismo – UNIRON. webeatriz@hotmail.com, crislopesd@hotmail.com, judite@yahoo.com.br.



Entre esses periódicos estão o “The Porto Velho Times” (4/7/1906), o “Porto Velho Courier” e o “Marconigran”, este último em 1910”.³

Ferreira, Paulo Roberto (2008)

Não se dispõe de informações precisas sobre a prática, em Porto Velho, de um jornalismo que se aproxime do que hoje caracteriza o jornalismo cultural, entretanto, encontramos alguns registros que são indicadores de divulgação lítero-cultural, no mais antigo jornal da cidade, ainda em circulação, o “Alto Madeira”, criado em 15 de abril de 1917, pelo médico Joaquim Augusto Tanajura, o primeiro prefeito de Porto Velho.

Nos anos 50, o jornal foi adquirido pelo grupo Tourinho, liderado por Euro Tourinho, cuja história está intrinsecamente ligada ao jornal, uma vez que “... lá Euro começou como um colaborador, escrevendo crônicas”⁴. Segundo o engenheiro Antônio Marrocos⁵ “...nos anos 50 e 60 o jornalista Euro Tourinho, o decano dos jornalistas de Rondônia, escrevia uma crônica social no jornal Alto Madeira com o pseudônimo Eurlly, nome de sua filha”. A partir de 1968 foi substituído pelo jornalista Ciro Pinheiro, que trabalhava no jornal desde agosto de 1967, que iria apenas cobrir umas férias de Euro, mas acabou por continuar com essa incumbência por mais de 30 anos, como colunista social.

Segundo Selmo Vasconcellos⁶, em maio de 1969, o jornal Alto Madeira começou a editar uma “Página Literária”, uma iniciativa daquela que Selmo considera “... a pioneira da cultura impressa no Estado de Rondônia”, a Beth (Elizabeth) Costa (falecida em novembro de 2005), em parceria com José Inácio Resch. Tempos depois, ainda segundo Selmo, surgiu a “Estante de Cultura”, editada por Kleon Marian, também falecida em novembro de 2005. A partir de 1984, a página passou a chamar-se “Momento Lítero Cultural”, sob a coordenação de João Teixeira (Jotatê), funcionário do extinto Beron e do Dr. Jayme Ferreira⁷, promotor de justiça do Ministério Público de Rondônia.

A partir de 15 de agosto de 1991 a página destinada ao segmento cultural, passou a ser coordenada por José Ailton Ferreira, o “Bahia”⁸ e Selmo Vasconcellos.⁹ Em 16 de abril

³ Hugo, Vitor, Desbravadores, edição do autor, 1998.

⁴ In: http://www.portovelho.ro.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1101&Itemid=178

⁵ In: <http://www.ronet.com.br/marrocos/pergunta.htm>

⁶ Em comunicação pessoal à primeira autora, via e-mail, em 7 de junho 2008.

⁷ Filósofo e ex-seminarista, Jayme Ferreira publicou as obras literárias “Fogo Fátuo” e “Arigós”. Aposentou-se em julho de 1995, quando mudou para o Estado do Amapá, onde faleceu em 03/10/2002, vítima de infarto.

⁸ Falecido em Porto Velho, em setembro de 2005, aos 54 anos, vítima de câncer.



de 1999 a página passou a ser chamada de “Lítero Cultural”, coordenada por Selmo Vasconcellos e “Bahia”. No dia 28 de julho de 2000, Selmo Vasconcellos passou a coordenar a página “Lítero Cultural” e “Bahia” a página “Geléia Geral”. Por ocasião da morte do “Bahia”, Sérgio Ramos, editor do extinto site [Talentos Brasil](#), publicou artigo qualificando-o como: “...*incansável defensor da precária cultura rondoniense, em particular, portovelhense.*” E mais: “...*um combatente, um baluarte, como ele gostava de adjectivar as pessoas que militavam na órfã área cultural.*”

Já o jornalista José Carlos Sá, que por quatro anos trabalhou na redação do AM, registra que o nome de seu blog Banzeiros¹⁰ foi uma homenagem aos amigos Selmo e “Bahia”, que tinham uma coluna chamada “Revertendo Banzeiros” na página “Momento Lítero Cultural”, no Alto Madeira. Sá afirma que no final da década de 80 a coluna Lítero Cultural já era publicada no jornal “O Guaporé”,¹¹ sob a coordenação do Jotatê.

Foi também na década de 80 (1986) que surgiu o **Zé Katraca**, alter ego de Silvio de Macedo Santos, que por solicitação de Rochilmer Rocha, diretor do jornal A Tribuna, passou a escrever sobre carnaval, para concorrer com o “Pierrot”, pseudônimo com o qual o jornalista Vicente Danin publicava comentários sobre as agremiações carnavalescas, no jornal Estadão do Norte.¹²

A proposição deste trabalho parte do pressuposto de que há uma demanda por estas informações; que o colunista Sílvio Santos é reconhecido pelos atores sociais como um ícone do jornalismo cultural local; e que a perspectiva de expansão do mercado profissional nessa área é baixa, uma vez que “há crise no setor cultural local”. Espera-se que as informações geradas pelo estudo contribuam com a organização e disponibilização de informações sobre referida modalidade jornalística em relação ao mercado de Rondônia e sobre as possibilidades de oferecer oportunidade de trabalho para comunicadores sociais.

O objetivo do trabalho é analisar o jornalismo cultural na mídia impressa de Rondônia. Mais especificamente, objetiva-se: a) compreender a conceituação do jornalismo cultural e sua inserção na mídia impressa local; b) resgatar a trajetória histórica da

⁹ Poeta, contista, cronista, antologista, divulgador e ativista literário

¹⁰ http://banzeiros.blogspot.com/2006/07/nome_06.html#links

¹¹ Comunicação pessoal à primeira autora, em mensagem eletrônica datada de 09 de junho de 2008.

¹² Comunicação pessoal de Sílvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008.



coluna “Zekatraca”¹³, e traçar o perfil do seu criador, o “colunista” Sílvio M. Santos; c) identificar as principais características dessa modalidade jornalística e a sua contribuição para o fortalecimento da cultura local; d) analisar a perspectiva de mercado para este segmento.

Neste contexto, considerando os objetivos da disciplina Pesquisa e Realidade em Comunicação Regional da Faculdade Interamericana de Porto Velho, o presente trabalho consiste no estudo da realidade local sobre jornalismo cultural, tendo como unidade de análise a coluna “Zekatraca”, página de divulgação de temas artísticos e culturais do jornal “Diário da Amazônia”, em seus aspectos histórico, gráfico-visual e também as linhas editoriais da página (jornalismo informativo/opinativo) sua forma e conteúdo.

Compreende também, breve revisão de literatura sobre jornalismo cultural, resgate da história do jornalismo cultural em Porto Velho, identificação de demandas. A partir das análises propostas busca-se responder as seguintes questões: de que forma o jornalismo cultural veiculado na coluna Zekatraca, por Sílvio Santos contribui para o fortalecimento da cultura local? É o jornalismo cultural um segmento promissor de oportunidade de trabalho para os futuros profissionais?

Revisão de literatura

O jornalismo cultural é uma modalidade que apresenta ampla conceituação e ao mesmo tempo, apresenta características bem marcadas. Sua abrangência vai desde a divulgação dos produtos artísticos à veiculação do entretenimento, promovendo a mediação entre a indústria cultural, seus produtos e consumidores/leitores, divulgação e crítica a filmes, espetáculos teatrais e shows musicais.

Dentre os conceitos encontrados na literatura, tem-se o jornalismo cultural considerado como uma especialização que nasce das necessidades da imprensa em atender a um público segmentado e de tratar de temas com maior profundidade. Em sentido mais amplo, é caracterizado como “ *o ramo do jornalismo que tem por missão informar e*

¹³ Optamos por grafar “Zekatraca” quando estamos nos referindo a coluna e “Zé Katraca” quando estamos nos referindo a Sílvio Santos.



opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade” (GOMES, 2005).

A concepção do que seja jornalismo cultural foi alvo de estudo de Castelo Branco et alii (2006), que constataram a dificuldade dos estudiosos em expressarem suas concepções sobre o que é o jornalismo cultural. Concluem pela fragilidade conceitual e sugerem a sua inclusão como disciplina nos cursos de comunicação social.

Outra vertente da sua compreensão conceitual considera que todo “jornalismo é cultural”. Segundo Piza (2003) *“(...) Essa expressão, jornalismo cultural, é um pouco incômoda, (...) porque parece tratá-lo da mesma forma como tantas vezes ele ainda é tratado pela grande imprensa brasileira - desempenhando um papel algo secundário, quase decorativo (...)”*.

O jornalismo cultural faz uso de textos do gênero informativos e de opinativos. O JC informativo compreende a maioria dos gêneros comuns a todos os ramos de jornalismo (notícia, nota, resenha, reportagem e entrevistas) exceto a resenha de texto. Os gêneros opinativos são exclusivos do jornalismo cultural: o Comentário, a Crítica e o Ensaio (Gomes, 2005).

Em busca da compreensão dos conceitos de gêneros jornalísticos no cotidiano dos cadernos culturais, o professor doutor Wellington Pereira coordena um grupo de pesquisa (Grupecj) na Universidade Federal da Paraíba, sobre gêneros jornalísticos, com ênfase na temática da cultura e o jornalismo cultural no Estado da Paraíba. Os resultados demonstraram que:

“...os cadernos de cultura dos jornais paraibanos privilegiam o caráter de agenda do jornalismo cultural paraibano, havendo uma predominância dos tradicionais gêneros informativos (notícias, reportagens), em detrimento dos gêneros opinativos (artigos, cartas, críticas)”

(Pereira, 2007).

Pereira considera que a síntese do jornalismo cultural brasileiro é a mercadoria cultural, cujo valor de uso aparece com o crédito de shows, filmes, livros e discos. Para o autor, o jornalismo cultural puramente informativo faz da cultura um grande espetáculo, organizado para consumo. Enquanto no jornalismo cultural analítico, ocorre um choque



entre a linguagem culta e a linguagem de massa, cujo entendimento passa por uma análise do fluxo das informações.

Outra abordagem é a de falta de espaço para a valorização das diferentes identidades culturais, para a cultura como conhecimento, incumbida da função sociológica e crítica com o ato de pensar voltado para a formação cultural e para os problemas da sociedade que estão relacionados à cultura do homem, como aponta BASSO (2008) “...o *jornalismo cultural da atualidade vive o dilema de dar pouco espaço para a diversidade cultural existente nas diferentes regiões e esferas sociais e para o debate de políticas públicas de cultura*”.

A complexidade do conceito de jornalismo cultural foi discutida por Lima Silva & Conceição (2007), que ao buscarem uma conceituação, recorreram a diversos autores e teorias, relacionadas à lingüística, antropologia e sociologia cultural, e afirmam não haver uma conceituação conclusiva. Diante desse contexto de imprecisão do conceito de jornalismo cultural, e considerando as características assinaladas pelos autores citados, tomamos como ponto de partida para análise proposta as definições de gêneros jornalísticos característicos do jornalismo cultural, procurando identificar na coluna “Zekatraca” a presença desses elementos.

.

Material e Métodos

A metodologia de pesquisa consiste de um estudo de caso descritivo, cuja unidade de análise é a coluna “Zekatraca”, redigida pelo “colunista” Sílvio Santos, e publicada diariamente no jornal “Diário da Amazônia”, com sede na capital do Estado de Rondônia. Sendo o jornalismo cultural considerado uma atividade promissora, “... *vem ganhando mais e mais status entre os jovens que pretendem seguir a profissão*” (Piza, op. cit) e promotora da cultura, o enfoque deste trabalho é a identificação das principais características do jornalismo exercido por Sílvio Santos (Zé Katraca) e a perspectiva de inserção profissional neste segmento.

Segundo RUDIO (1986) a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Assim ao nos debruçarmos sobre a forma e o conteúdo das notícias veiculadas na coluna Zé Katraca e



analisar o seu processo de construção, procura-se descobrir o que há nele de mais essencial e característico.

Como método para coleta dos dados empíricos, foram feitas consultas a fontes secundárias disponíveis em sites culturais do estado de Rondônia. O estudo das características do jornalismo cultural de Sílvio de Macedo Santos, foi delimitada às colunas publicadas no ano de 2007, disponíveis no site Gente de Opinião (<http://www.gentedeopinioao.com.br>) originalmente escrita para o veículo impresso Jornal Diário da Amazônia.

A obtenção da opinião de atores sociais locais ligados ao setor cultural foi feita através de um questionário, enviado por e-mail ou aplicado diretamente aos entrevistados. Foram entrevistados 18 pessoas, dentre agentes e promotores de eventos culturais, artistas das mais diversas modalidades, jornalistas e acadêmicos de jornalismo.

Posterior à análise e interpretação dos dados foi realizada entrevista com o “colunista” Sílvio Santos, quando foi verificado o seu posicionamento em relação ao seu estilo jornalístico, ao seu perfil profissional do colunista, as polêmicas sustentadas pela coluna e em relação ao jornalismo cultural no mercado local.

4. Resultados e Discussões

Sílvio Santos & Zé Katraca

Sílvio de Macedo Santos há 21 anos escreve sobre os eventos culturais da cidade na coluna Zekatraca, criada em 1989 pelo Jornal **A Tribuna** e atualmente é veiculada diariamente no jornal Diário da Amazônia e reproduzida em vários sítios eletrônicos. Sílvio Santos em seu *blog*, assim se define:

“...como sou nascido na capital Porto Velho, mas precisamente na localidade de São Carlos um distrito que fica à beira dos rios Madeira e Jamari, pauto minha crônicas sobre as lendas da Amazônia, ao tempo que sou ferrenho defensor da cultura da nossa gente, do povo do baixo Madeira, apesar de não ter restrições contas a cultura dos povos que vieram ajudar na formação do nosso Estado”.



O personagem Zé Katraca surgiu a partir de uma solicitação do diretor do extinto jornal A Tribuna, Rochimel Rocha que solicitou que ele escrevesse uma coluna sobre carnaval para concorrer com o colunista Pierrot, que escrevia para o jornal O Estadão do Norte. O Manelão (Manoel Mendonça, dirigente da Banda do Vai Quem Quer) foi quem deu a idéia de colocar o nome Zekatraca, como uma paródia ao nome do bloco carnavalesco Zé Atraca.

Zé Katraca tornou-se o alter-ego de Sílvio Macedo dos Santos. Trata-se de um dos muitos casos onde a criatura passou a ser mais conhecida do que o criador. Isso aconteceu porque durante anos leitores e dirigentes culturais ficaram tentando descobrir quem é Zé Katraca, um crítico ferrenho que usa seu espaço em veículos de comunicação para mostrar em que pé está parte da cultura de Rondônia.

O mistério sobre quem era o Zé Katraca durou de 1987 até 1994, quando Silvio Santos foi entrevistado pelo jornal Diário da Amazônia, e assim teve sua identidade revelada em uma reportagem publicada no dia 12 de maio de 1994, com o título “*Meu nome é Silvio Santos, mas pode me chamar de Zekatraca*”.

Ao longo desses 20 anos a coluna que começou no jornal **A Tribuna**, foi publicada no também extinto O Guaporé, no O Estadão do Norte e no Diário da Amazônia. Inicialmente só falava de carnaval. Então a coluna só era veiculada do final do ano até o carnaval. Depois, no “O Estadão”, o jornalista Antônio Queiroz deu a idéia de criar o Zematraca, que falava de política. A coluna passou a ser publicada durante o ano inteiro. Tinha uma parte que se chamava “Esquentando os tamborins”, que falava somente de carnaval.

Já no Diário da Amazônia, foi do artista plástico João Zoghbi a idéia de denominar essa sessão para “Lenha na Fogueira”. A coluna foi se tornando mais abrangente aos poucos., a partir de então passou a ser veiculada informações sobre boi-bumbá e de outros assuntos.

Criador e Criatura

Assim como Edson Arantes do Nascimento costuma separar o Edson do Pelé, Silvio Santos assegura que consegue separar o Zé Katraca do Sílvio Santos.



*“ Separo. Muitas vezes o Zekatraca critica amigos do Silvio Santos. Zekatraca abre espaço para pessoas que criticam o próprio Silvio Santos, que criticam o próprio Zekatraca. Eu separo, mas as pessoas fundem o Zé Katraca no Silvio Santos. Mais do que isso, anulam o Silvio Santos e passam a me chamar de Zé Katraca”.*¹⁴

Alguns episódios ilustram essa confusão entre criador e criatura;

“ Eu, Silvio Santos, sou funcionário público concursado. Eu era fiscal de bingo do interior da Latora. Eu tinha que conferir os números dos bingos, na hora do sorteio. Muitas vezes eu era anunciado e depois pedia para o locutor dizer que na terça-feira a festa iria ser noticiada pelo Zekatraca no Diário da Amazônia. O locutor perguntava onde estava o Zekatraca. Eu dizia que era eu. A partir desse momento ninguém mais falava em Silvio Santos. O locutor começava a me chamar de Zekatraca e todos faziam a mesma coisa.

Por conta disso, o Zé Katraca colocou Sílvio Santos em situação difícil, por diversas vezes:

*“...uma vez em que o Zekatraca criticou a Banda do Vai Quem Quer. Em seguida, eu, Sílvio Santos, cheguei com o presidente da banda, o Manelão (Manoel Mendonça) em um bar e dois amigos meus estavam indignados. Diziam que iriam dar uma surra do Zakatraca. O Manelão sabia que eu sou o Zé Katraca, mas não disse nada. Então eu disse o seguinte: “Eu sei quem é o Zé Katraca, e ele está por aqui”. Então saímos os quatro procurando o Zé Katraca. É claro que não o encontramos. Em uma outra ocasião o Zé Katraca criticou a Escola de Samba Pobres do Caiari, dizendo que no bar serviam cerveja quente. Quando eu cheguei, o dono do bar me disse que iria pegar o Zé Katraca e colocar goela abaixo uma grade de cerveja gelada, para ele aprender.”*¹⁵

Forma e Conteúdo de Zekatraca

No ano de 2007 foram publicadas 200 colunas, com um total de 542 assuntos. Neste levantamento quantitativo verificou-se que os eventos classificados como “Eventos culturais tradicionais” foram os mais frequentemente abordados. Neste grupo de eventos estão o carnaval, as festas juninas, as apresentações folclóricas (bois e quadrilhas), romarias e festas religiosas. Em seguida o assunto mais abordado foram os denominados neste estudo como “mercadoria cultural” que referem-se as notas e notícias sobre shows, lançamentos de Cds, livros e peças teatrais.

¹⁴ Comunicação pessoal de Silvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008

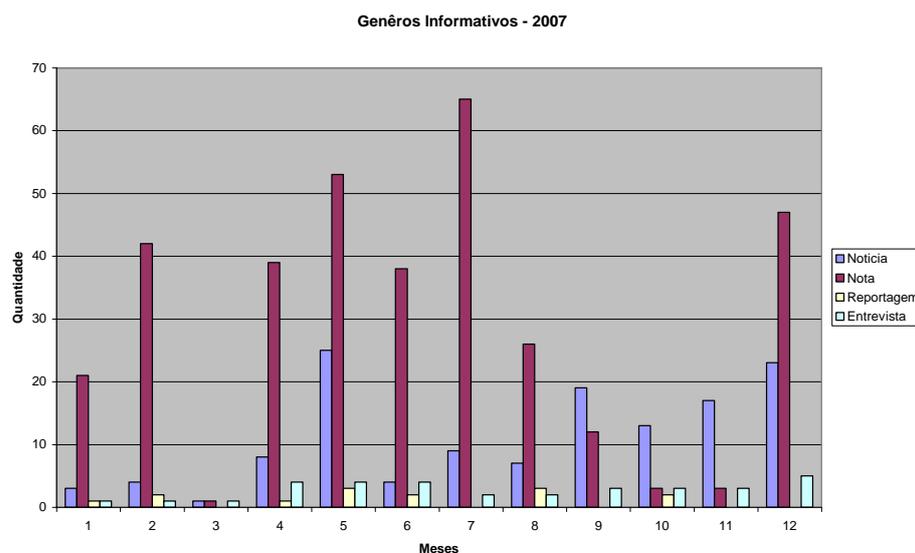
¹⁵ Comunicação pessoal de Silvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008

Na análise quantitativa das notícias veiculadas na página, as inseridas na coluna Lenha na Fogueira, foram classificadas como Notas¹⁶, quantificadas por assunto. Embora pelo seu conteúdo pudessem ser consideradas como notícias, a forma como ele as dispõem na página, obrigou-nos a classificá-las como nota. Além disso, foram quantificadas as Notícias¹⁷, Reportagens e Entrevistas. Quanto ao gênero opinativo, as ocorrências não foram significativas, verificou-se poucas matérias no gênero, com exceção de escassos comentários e críticas de caráter opinativo. (Figura 1 e Figura 2).

Figura 1 – Quantitativo de informações publicadas , por Gênero

Quant. por gênero	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
1- Gênêros Informativos													
Notícia	3	4	1	8	25	4	9	7	19	13	17	23	133
Nota	21	42	1	39	53	38	65	26	12	3	3	47	350
Reportagem	1	2	0	1	3	2	0	3	0	2	0	0	14
Entrevista	1	1	1	4	4	4	2	2	3	3	3	5	33
TOTAL 1	26	49	3	52	85	48	76	38	34	21	23	75	530
02 - Generos Opinativos													
Comentário	0	6	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	10
Crítica/Ensaio	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Artigos Colaboradores	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	1	4
TOTAL 2	0	6	1	3	0	0	0	0	2	0	1	1	14
Total 1+ 2	26	55	4	55	85	48	76	38	36	21	24	76	544

Figura 2 – Gêneros Informativos veiculados na coluna Zekatraca , por mês



¹⁶ Informação breve, com os elementos básicos de uma notícia, sem compromisso necessário com fatos do momento. (Gomes, op. cit)

¹⁷ Apresentação de um fato novo. No JC é utilizada para “esquentar o fato”, ou seja, lembrar o leitor de algum evento anteriormente informado. (idem)

Polêmicas e Fofocas

O estilo polêmico é a principal característica identificada em Zé Katraca, por ser uma pessoa articulada no meio cultural, como dirigente da associação carnavalesca e de Boi, artista (é músico/cantor) e funcionário público da Secretaria de estado da Cultura, fica difícil estabelecer um distanciamento entre o “divulgador cultural” e o promotor de cultura. Seus posicionamentos, como detentor de uma informação privilegiada, justamente por transitar por este meio, faz com que muitas vezes tome posições, sem o mínimo de isenção, com incursões que chegam ao nível da fofoca, por ele mesmo assumida como tal. (Imagem 1)

Imagem 1- Réplica da Coluna Lenha na Fogueira, no site Gente de Opinião.



O estilo crítico é considerado por Zé Katraca como uma forma de verificar a sua popularidade:

“... Criticar é um estilo da coluna. Também é uma forma de saber se a coluna está sendo lida, se ela tem peso. Muitas vezes critico um amigo meu só por criticar mesmo, para ver o que ele diz. Temos poucos jornalistas conhecidos, com colunas de peso. Paulo Queiroz e Carlos Sperança são críticos também. Batem pesado. É o que dá peso à coluna. Não é fácil escrever uma coluna. Muitos jornalistas querem, mas não têm espaço.”¹⁸

Para a produção da coluna, Sílvio Santos não tem uma equipe fixa, mas conta com colaboradores informais, amigos da área cultural (folcloristas, historiadores, carnavalescos).

“... Muita gente escreve. Recebo muitos e-mails. Muitas pessoas pedem para colocar alguma nota. Muitas vezes um artista escreve ela inteira. Há casos de

¹⁸ Comunicação pessoal de Sílvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008



eu estar com o Manelão no Chaveiro Gold e sair com a coluna escrita de lá, com a ajuda de colaboradores. A coluna está aberta a todos.”

O que pode ser uma vantagem torna-se uma desvantagem, quando se trata do relacionamento do Sílvio Santos com os produtores culturais. “...é bom enquanto o Zekatraca não estiver criticando. Isso porque se precisar criticar, o Zekatraca critica mesmo. Se precisar abrir espaço para alguém se defender, o Zekatraca também abre”.

Outra crítica freqüente, é a característica do “jornalismo de agenda” exercido pela coluna. A ausência de uma “crítica da arte”, foi mencionada por alguns entrevistados, bem como da falta de aprimoramento na forma de escrever .

Uma das opiniões mais contundentes veio de um jornalista que até meados dos anos 90 atuou no jornalismo cultural em Rondônia, como editor do caderno de Cultura do jornal Alto Madeira. Talvez por estar distanciado, não mediu palavras para fazer a crítica ao jornalismo do Zé Katraca¹⁹:

“... embora a coluna dele seja um espaço para divulgação, ele não escreve bem e tem realmente pouca formação cultural no sentido mais amplo. Ele reproduz o que mandam a ele. Mas não tem uma capacidade de análise muito boa, não possui um texto instigante. Se tu chegares com ele e falares de literatura beat, ele não vai saber o que é. Se quiseres estabelecer uma ponte de referência entre o mangue beat no Brasil e o grunge nos Estados Unidos, ele não vai saber o que é. Se tentares estabelecer uma diferença entre realismo fantástico e surrealismo, ele não vai saber pra que lado ir. [] .

“... Em 2006 fomos até o Diário para divulgar²⁰. Ele fez uma entrevista estranha. Não anota, não grava. No dia seguinte a matéria sai toda truncada, com informações erradas. Aí o que as pessoas fazem? Escrevem o texto e entregam a ele. Assim há a certeza de que tudo vai sair nos conformes. Mas eu acredito que não é assim que tem que ser.”

Do Impresso para o on-line

Não obstante as críticas a coluna ZeKatraca é reproduzida atualmente em pelo menos quatro sites , além do Gente de Opinião, quais sejam: O Observador, Cepem.org.br, NoticiariaHora e ExtraRondônia. Ainda em relação a forma, o material produzido para a mídia impressa é o mesmo que é publicado nos sites . Essa prática, além de contradizer o que diz a técnica sobre a linguagem, proporciona situações esdrúxulas, como

¹⁹ Alguns entrevistados locais, fizeram críticas reservadas e manifestaram preocupação em não estar se indispondo com Sílvio Santos.

²⁰ Filmes paraenses no *Fest Cine Amazônia*



encontrado no sítio [Gente de Opinião](#), há a indicação de uma fotografia e a mesma não aparece no mesmo.

Sílvio Santos reconhece que seria preciso mudar a linguagem, porque são veículos diferentes: “...seria bom mudar, mas não tenho tempo para isso. Assim, autorizo os sites a divulgarem a coluna. Mas tem o seguinte: a coluna tem uma linguagem própria, e ela é mantida em todos os veículos.”

Zekatraca e o fortalecimento da cultura local

A contribuição da ZeKatraca é reconhecida pelos entrevistados, que consideram a coluna como um importante espaço, para a divulgação dos eventos e dos artistas locais.

Essa contribuição é apontada pelo próprio Sílvio Santos que conta alguns episódios em que seu posicionamento manifestado na coluna, implicou em mudança nos fatos:

“... no último ano de sua administração, o ex-prefeito José Guedes decidiu que não iria dar dinheiro para as escolas fazerem o carnaval. Ele já havia anunciado a decisão. Falei com o então editor do Diário da Amazônia, Waldir Costa, e ele me autorizou a fazer uma página inteira de entrevista com José Guedes. Foi à prefeitura e depois de entrevistar o prefeito, desliguei o gravador e perguntei por que ele não iria fazer o carnaval. Ele disse que iria sim, que eu pedisse para o presidente da Liga das Escolas de Samba de Porto Velho ir até a prefeitura que ele iria liberar o dinheiro.”²¹

As entrevistas que resgatam a história de Porto Velho, através de seus antigos moradores é um dos pontos fortes apontados pelos entrevistados. No ano de 2007, foram publicadas 33 entrevistas, sendo que os assuntos mais frequentemente abordados foram a história de Porto Velho, costumes e tradições. Essa é uma das contribuições mais significativas mencionada pelos entrevistados, conforme alguns depoimentos:

“... O Sílvio contribui e muito pro fortalecimento da cultura local sim. Conheço um monte de gente que lê a coluna dele. É um formador de opinião e uma pessoa que ama Porto Velho e seus costumes. Às vezes me pego nostálgico e fico lembrando de como as coisas eram, daí pego a coluna dele pra ver se tem alguém das antigas.” (Helder Guimarães – músico)

²¹ Comunicação pessoal de Sílvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008



“... Sempre aguardo a entrevista da semana, com pessoas famosas ou não que fazem parte da história de Porto Velho. Geralmente pessoas simples que contribuíram para o desenvolvimento da capital. (José Carlos Sá – Jornalista)

Considerações Finais

O estudo resultou na elaboração de um perfil do titular da coluna e da identificação das técnicas que emprega na elaboração das notícias. Com a catalogação das notícias em sete grandes grupos: Mercadoria cultural, eventos culturais tradicionais, exposições e feiras, festivais, história /memória , colunismo social icocal poria ; verificando-se ainda a sazonalidade com que as informações são veiculadas.

Zé Katraca , que começou a cursar jornalismo em 2006 na UNIRON , desistiu por falta de de dinheiro e também por problemas de saúde, Mas considera o diploma muito importante. A data da criação do município de Porto Velho é um dos temas preferidos de Zé Katraca, que por conta disso, iniciou cursar História na Universidade Federal de Rondônia – UNIR para poder falar com mais propriedade sobre a história da cidade.

Os atores sociais do setor cultural local, confirma o reconhecimento da importância da coluna para o fortalecimento da cultura local, identifica-se uma demanda por um jornalismo cultural opinativo, o que pode ser um indicador de um espaço em aberto para o mercado de jornalismo cultural.

Com relação ao mercado de trabalho , Silvio Santos disse que acredita haver espaço para outros “Zés Kaatracas” : *“Espero que apareça outro Zekatraca. Hoje o mais parecido é o J. Vasquez. Ele escreve bem sobre cultura. Acontece que os jornalistas que estão entrando no mercado de trabalho não se interessam pela cultura, porque não dá dinheiro. Se interessam mais pela área de política, economicamente mais rentável. Eu digo o seguinte: cultura não dá dinheiro, mas dá muita alegria, dá muito prazer.”*²²

²² Comunicação pessoal de Silvio Santos, em entrevista a segunda autora, em junho de 2008



O jornalismo cultural é um campo vasto e rico em possibilidades e abordagens diversificadas sobre os bens culturais. Este trabalho ao estudar o jornalismo exercido por Zé Katraca e identificar a demanda por um JC mais opinativo e crítico da arte, alerta para um campo de trabalho interessante, o qual demanda reflexão e aprofundamento sobre o campo de produção e a prática profissional.

Referências bibliográficas

BASSO, Eliane Fátima Corti. *Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo*. CD ROM: Intercom 2006.

CASTELO BRANCO, Samantha ; Targino, Maria das Graças; GOMES , Alisson Dias. *Jornalismo Cultural: realidade ou idealização?*. CD ROM: Intercom,2006. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0144-1.pdf

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia**. Artigo. Disponível em: www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/midia/paulorobertoferreira.doc

GOMES, Fábio. *Jornalismo Cultural*. Brasileirinho Produções: 2005. Disponível na internet in: <http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>

LIMA SILVA, Andréia & CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves. *Jornalismo cultural: em busca de um conceito*. CDRom: Intercom 2007.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo : Editora Contexto, 2003 (144p.)

PEREIRA, Welington . *Jornalismo cultural: procedimentos pedagógicos*. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/rumos2007/pdf_jornalismo/Wellington%20Pereira.pdf

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes , 2004.(32ª. edição)

RAMOS, Sérgio . Zé Katraca .Lenha na Fogueira . Entrevista . (10/02/2002). Disponível em http://www.sergioramos.com.br/Noticia.asp?noticia_no=115

RAMOS, Sérgio. **Tributo à JOSÉ AILTON FERREIRA, o "BAHIA"** 3/10/2005 . Disponível em : http://www.sergioramos.com.br/Noticia.asp?noticia_no=105.